

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI EM MACEIÓ - ALAGOAS

PEDAGOGICAL PRACTICE OF A PHYSICAL EDUCATION TEACHER AT THE PESTALOZZI ASSOCIATION IN MACEIÓ - ALAGOAS

Arlindo Lins de Melo Júnior
Guilherme Vasconcelos Pereira
James Dean Bastos

*Centro Universitário Tiradentes - UNIT – campus Maceió
Universidade Federal de São Carlos*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo identificar como um professor de Educação Física da Associação Pestalozzi de Maceió - Alagoas conduz sua prática pedagógica para suprir as necessidades educacionais de seus alunos com deficiência. Nosso estudo é de cunho qualitativo, além disso, utilizamos o estudo de caso. Ademais, foi realizado em uma instituição especializada em atendimento pedagógico. A amostra representativa desse estudo é composta por uma entrevista concedida pela professora de Educação Física da instituição. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada com a educadora e três observações das aulas ministradas que foram devidamente registradas em diários de campo. Para a interpretação dos dados foi utilizada a análise de conteúdo temática. Os resultados demonstram que práticas pedagógicas dos professores de Educação Física necessitam de uma melhor elaboração e valorização, isto é, a professora acredita que se deve buscar mais formação continuada e estratégias de ensino próprias por parte dos educadores para trabalharem os conteúdos da cultura corporal, mesmo a instituição sendo especializada em Educação Especial, existe a necessidade de pensar em uma aula voltada para grande diversidade das deficiências. Dentro das deficiências podemos citar: intelectual, física, visual, auditiva, múltipla e surdocegueira. Ainda, compreende-se a importância das práticas pedagógicas onde o papel do professor deverá encontrar-se estrategicamente contextualizado com deficiência e particularidades de seus alunos.

Palavras-chave: Atividade Motora Adaptada. Educação Especial. Educação Física Escolar. Prática Pedagógica. Pessoa com Deficiência.

Abstract

This article aims to identify how a Physical Education teacher of the Pestalozzi Association of Maceió - Alagoas conducts his pedagogical practice to meet the educational needs of his students with disabilities. Our study is qualitative, and we use the case study. In addition, it was held in an institution specialized in pedagogical attendance. The representative sample of this study is composed by an interview granted by the Physical Education teacher of the institution. As a data collection instrument we used a semi-structured interview with the educator and three observations of the lectures that were properly recorded in field diaries. For data interpretation, thematic content analysis was used. The results show that the pedagogical practices of Physical Education teachers need better elaboration and valorization, that is, the teacher believes that one should seek more continuous formation and own teaching strategies by

the educators to work the body culture contents, Even though the institution is specialized in Special Education, there is a need to think of a class focused on the great diversity of disabilities. Among the deficiencies we can mention: intellectual, physical, visual, auditory, multiple and deafblindness. Still, it is understood the importance of pedagogical practices where the role of the teacher should be strategically contextualized with disabilities and particularities of their students.

Keywords: Adapted Motor Activity. Special Education. School Physical Education. Pedagogical Practice. Person With Disabilities.

1 Introdução

Pensar em Educação Física para pessoas com deficiência remete a importância de compreender o papel social e político do professor frente aos seus alunos do Público-alvo da Educação Especial (PAEE). Bagnara e Fensterseifer (2018) ressaltam a Educação Física Escolar como uma disciplina educativa desenvolvida tanto na educação escolar, como na educação não escolar. Neste sentido, evidencia-se a necessidade libertá-la do estigma de uma atividade meramente prática, tecnicista, mecanicista, esportivista e reprodutora, para então alçá-la ao estatuto de um componente curricular educativo, responsável por conhecimentos teórico-práticos relativos à cultura corporal de movimento (BAGNARA; FENSTERSEIFER, 2018).

É notório que o atendimento às necessidades educacionais dos alunos com deficiência na educação escolar especializada apresenta diversas necessidades correspondentes ao domínio das aprendizagens curriculares por falta de recursos pedagógicos, materiais e humanos. Assim, amparados nas políticas públicas da educação especial (BRASIL, 2008, 2011, (2015), acreditamos que existe uma necessidade de os professores, inclusive aqueles pertencentes a Educação Física, especializarem-se para trabalhar, em suas aulas, com as crianças, adolescentes e adultos, a cultura corporal.

Cabe ressaltar que a Educação Especial, segundo Mazzotta (1996), é definida como uma modalidade da educação que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos alunos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens.

Assim, a inclusão dos alunos com deficiência tem sido discutida há anos dentro da sociedade brasileira. Isso porque, as pessoas com deficiência, por meio dos movimentos sociais, estão buscando os seus direitos enquanto cidadãos, podendo participar de todo o contexto existente na sociedade como os direitos civis, políticos, econômicos e também seus direitos educacionais.

Na perspectiva das instituições filantrópicas, a Educação Especial tem sofrido várias críticas no que diz respeito ao oferecer atendimento apenas a pessoas com

deficiência e com esse atendimento restringe o contato com outras pessoas. Mas, em contrapartida, é na escola especializada (filantrópica) que são oferecidos materiais adequados, adaptações curriculares e profissionais qualificados que contribuem para o desenvolvimento do potencial da pessoa com deficiência. Com isso, as modificações utilizadas no atendimento das crianças com deficiência são essenciais para atingir o desenvolvimento das mesmas, inclusive nas aulas de Educação Física. Assim, a Educação Física, como uma disciplina educativa, oferece uma gama de possibilidades na formação da cidadania como eixo norteador das práticas educativas e sociais para pessoas com ou sem deficiência.

Lara e Pinto (2017) discorrem que a Educação Física inclusiva deve ser um eixo para o estudante com deficiência, para que se desenvolvam condições igualitárias com os ditos normais, buscando, portanto, estratégias para dirimir a exclusão ou segregação. Isso porque, as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física, em favor de todos os alunos, podem ampliar esses contatos interpessoais na sala de aula, uma vez que as atividades físicas propiciam o ensino de limites de superação, cooperação, competição que são propostos pelas dinâmicas das práticas educativas que valorizem as peculiaridades físico-intelectuais, e o respeito entre todos que constituem a sala de aula.

Considerando, então, que a função da Educação Física é educar e transformar a realidade que nos cerca, precisamos adotar uma nova perspectiva de ensino, assim, a Educação Física deve ser tratada em toda sua totalidade. E buscando melhor entender a atuação do professor de Educação Física na escola especial e como desenvolve sua prática pedagógica, indagamos: como acontece à prática pedagógica do professor de Educação Física da Associação Pestalozzi de Maceió?

Diante desta perspectiva, temos como objetivo geral da investigação identificar como o professor de Educação Física conduz a sua prática pedagógica suprindo as necessidades educacionais dos alunos para os quais ministra suas aulas. O artigo encontra-se dividido em três categorias, a seguir: 1) O resgate histórico da Educação Especial e Educação Física; 2), Aspectos metodológicos; e, 3) a prática pedagógica de um professor de educação física na Associação Pestalozzi em Maceió - AL: Educação Física adaptada, esportes adaptados e formação.

Deste modo, este estudo torna-se relevante, na medida em que pretende refletir sobre a prática pedagógica dos professores de Educação Física no que se refere ao trabalho com várias deficiências que ele poderá encontrar em sala de aula, bem como rever sua conduta diária, buscar novos conhecimentos que possibilitem enriquecer suas aulas e atender com eficácia as necessidades de seus alunos.

2 Resgate histórico da Educação Especial e Educação Física

De acordo com Mendes (2006), a história da Educação Especial encontra-se entrelaçada com o trabalho de médicos e de pedagogos que conseguiam vislumbrar algumas possibilidades no desenvolvimento educacional de pessoas com deficiência. No entanto, apesar de alguns esforços desses profissionais, e, com a escassez de qualificação naquele momento, obrigou as pessoas com deficiência a ficarem isoladas em asilos, manicômios e hospitais (MENDES, 2006). Essa segregação era justificada pela ilusão da sociedade em pressupor que essas pessoas seriam mais protegidas e bem cuidadas se ficassem em ambientes separados dos demais.

No Brasil, iniciativas isoladas e precursoras de educação de indivíduos com necessidades educacionais especiais podem ser constatadas já no século XIX, e, acompanhando a tendência da época, em instituições residenciais e hospitais - portanto, fora do sistema de educação geral que aos poucos iria se constituindo no país (MENDES, 2006). “[...] A criação da roda de expostos em Salvador e Rio de Janeiro, no início do século XVIII e, em São Paulo, no início do século XIX, deu início a institucionalização dessas crianças que eram cuidadas por religiosas” (RODRIGUES; MARANHE, 2008, p. 16).

Rodrigues e Maranhe (2008) ressaltam que o Hospital Juliano Moreira em Salvador, Bahia, fundado em 1874, é considerado como a primeira instituição para atendimento às pessoas com deficiência mental, evidencia-se a influência da Medicina na educação destas pessoas perdurou até por volta de 1930. Atrelada aos pressupostos higienistas da época, o serviço de saúde do governo orientava o povo para comportamentos de higiene e saúde nas residências e nas escolas. Dentro desse princípio, a deficiência mental foi considerada problema de saúde pública e foi, então, criado o Pavilhão Bourneville, em 1903, no Rio de Janeiro, como a primeira Escola Especial para Crianças Anormais. Mais tarde, foi construído um pavilhão para crianças no Hospício de Juquery. A Medicina foi sendo gradualmente substituída pela Psicologia e a Pedagogia. Agora não mais mortos ou abandonados, mas institucionalizados. Entretanto, tais iniciativas aconteciam nos grandes centros. No geral, as crianças com deficiências continuavam sendo cuidadas em casa ou institucionalizadas (RODRIGUES; MARANHE, 2008, p. 16).

Durante as primeiras décadas do século XX, o país vivenciou a estruturação da República e o processo de popularização da escola primária. Neste período, o índice de analfabetismo era de 80% da população. Surge o movimento da “escola-nova”, que postulava: a crença no poder da educação como ponto de transformação social, o interesse por pesquisas científicas, a preocupação em reduzir as desigualdades sociais e estimular a liberdade individual da criança. O ideário da “escola-nova” permitiu a penetração da Psicologia na Educação, resultando no uso de testes de inteligência para identificar as crianças com deficiências. Na década de 30, chega ao Brasil a psicóloga e educadora Helena Antipoff, russa de nascimento, para coordenar os cursos de formação de professores no Estado de Minas Gerais.

Acabou criando os serviços de diagnósticos e classes especiais nas escolas públicas desse estado, que depois se estendeu para outros estados (RODRIGUES; MARANHE, 2008, p. 16-17).

Cabe ressaltar que Helena Antipoff fundou a Sociedade Pestalozzi, posteriormente influenciou a implantação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) no ano de 1954, ademais, nos anos seguintes passou a influenciar a “[...] formação de um contingente grande de profissionais que passou a se dedicar à área” da educação especial (SILVA, 2013, p. 132).

Rodrigues e Maranhe (2008) apontam que até mais da metade do século XX, o atendimento à pessoa com deficiência foi implementado através da institucionalização, da implantação de escolas especiais mantidas pela comunidade e de classes especiais nas escolas

públicas para os variados graus de deficiência mental. Houve, também, pouca preocupação com a conceituação e a classificação da deficiência. Os critérios de seleção eram vagos, baseados em desempenho escolar ruim. Ainda, sabe-se que em nossa nação a educação do deficiente correspondente ao período de 1930 a 1973 é caracterizada por uma “[...] maior participação da sociedade civil e política com algumas tentativas de escolarização, principalmente em instituições especializadas de caráter filantrópico” (SILVA, 2013, p. 130).

O autor supracitado explica que a educação dos deficientes foi se estruturando com base nas vertentes médico-pedagógica e psicopedagógica, as quais procuravam proporcionar as pessoas com deficiência as condições para suprir sua subsistência, desde o desenvolvimento de habilidades simples, necessárias ao convívio social, até a sistematização de algum conhecimento para a inserção no trabalho. Historicamente, essas vertentes se desenvolveram nas instituições especializadas no atendimento a pessoas com deficiência oferecem atendimento educacional e terapêutico numa tentativa de promover a inserção da pessoa com deficiência na sociedade e minimizar o preconceito que ainda encontra-se arraigado em todos os segmentos de uma forma geral.

Soler (2003) salienta que a Educação Física Escolar no Brasil surge por volta do século XIX com o nome de ginástica, fortemente ligada com a classe militar e médica, sendo então, a Educação Física, filha legítima do militarismo e adotivas das medicinas higiênicas e eugênicas. Surgiu da necessidade de formar guerreiros, fortes e destemidos (SOLER, 2003). Isso porque, sua inserção na escola aconteceu por esforço da instituição militar, sendo as aulas ministradas pelos instrutores do exército. Na perspectiva de disciplina escolar era entendida como atividade exclusivamente prática. Objetivando desenvolver e fortalecer física e moralmente os sujeitos, o referencial que sustenta seu conteúdo de ensino era oriundo das ciências biológicas que reforçava o caráter higienista e eugenista da disciplina.

Soler (2003) aponta que no final do século XIX só quem tinha acesso a Educação Física era a classe dominante e a partir do ano de 1920, temos uma invasão dos métodos ginásticos europeus como o sueco, alemão e também o francês, os quais faziam parte de um movimento chamado Movimento Ginástico Europeu. A Educação Física era entendida como atividade exclusivamente uma prática corporal, sem reflexão e sem crítica sobre sua atuação, afastando-a da finalidade educativa (SOLER, 2003). No estado novo (1937-1945), a Educação Física fica em poder do governo que faz com que a educação física tenha em destaque o adestramento, homem disciplinado, harmonioso, forte e sadio (CASTELLANI FILHO, 2011).

Neste sentido, Refletir sobre as questões históricas da Educação Física é compreender pensamento médico-higienista e eugenia nas escolas brasileiras, nos exige ter claro que no século XIX e XX as instituições médicas em nossa nação foram privilegiadas, nela a educação física era compreendida como provedora de saúde física e mental, e, regeneradora da raça, da virtude e moral da sociedade. Ou seja, a Educação Física era um instrumento capitalista, dada estruturalmente no interior da instituição escolar que remetia a expressão de uma visão biologizada dos indivíduos.

Deste modo, o ideário de homem e de mulher para aquela sociedade deveriam seguir os princípios de hierarquia, ordem, disciplina, fixidez e esforço individual para alcançar um corpo saudável, sendo obrigação destes indivíduos sua busca pelo corpo perfeito. Entende-se que a sociedade capitalista visava construir um valioso instrumento de disciplinarização da vontade, de adequação e reordenação de gestos e atitudes necessários à manutenção da ordem que estaria organicamente ligada ao ser humano social biologizado.

Castellani Filho (2011) explica que a Educação Física trazia em sua essência a ginástica militarista. Além disso, o pensamento higienista foi sendo delineado de modo significativo no século XIX até as primeiras décadas do século XX, tal época teve, dentre outros contextos, a Primeira Guerra Mundial, o Brasil tinha um baixo nível de saneamento básico e elevada marginalização socioeconômica.

Soares (2012) discorre que no século XIX, a Educação Física foi influenciada pela burguesia europeia, que trouxe elementos suficientes para afirmar que a força física interfere na prosperidade de uma nação. Assim, as escolas europeias de Educação Física mostrou a necessidade de investir no corpo individual, porém, era um investimento limitado para o mesmo não ir além do corpo de um bom animal. Neste sentido, coube à instituição escolar, juntamente com o Estado, se responsabilizar pela saúde do corpo social.

Hallal e Melo (2017) discorrem o panorama histórico da constituição da disciplina contempla duas áreas distintas, são elas: saúde e educação. Assim, percebe-se até os dias atuais, o profissional de Educação Física ainda divide-se entre estes dois

seguimentos da Educação Física (licenciatura e bacharelado). Contudo, os professores devem despertar para resolução de alguns problemas que têm obstruído uma maior consolidação qualitativa nas duas áreas do conhecimento podendo colocar em risco sua existência de um olhar qualitativo sobre educação física na perspectiva da inclusão de alunos com ou sem deficiência (HALLAL; MELO, 2017). Neste sentido, é inerente compreendermos seus aspectos históricos, uma vez que

os primeiros passos científicos da Educação Física no país, e isso ocorreu com o diálogo, contato ou, ao menos, convivência entre duas naturezas distintas de produção de conhecimento, uma advinda das ciências médicas, outra das ciências humanas e sociais. A Educação Física se consolidou no decorrer do século XX. Nesse longo período, percebe-se o avanço nos debates conceituais, desdobramento, até, do maior número e aprofundamento das investigações; o delineamento de iniciativas de formação profissional; a estruturação de entidades representativas; a conformação de estratégias de difusão do conhecimento, a seguir: congressos, periódicos, cursos, livros (HALLAL; MELO, 2017, p. 324)

Ainda que em certos momentos e/ou esferas tenha preponderado um ou outro lado e mesmo existido alguma tensão na definição dos rumos da área, é possível sugerir que houve, se não um diálogo costumeiro, ao menos uma boa convivência entre os agentes envolvidos com as duas naturezas de produção de conhecimento que integram a Educação Física desde suas origens. Consolidar o campo, mais relacionado à intervenção do que à pesquisa, parece ter sido o intuito maior que, de certa forma, criou laços entre os personagens (HALLAL; MELO, 2017, p. 324).

Os autores ainda ressaltam uma importante inflexão nesse processo de consolidação da disciplina se observa na década de 1970, pelos motivos a seguir: (a) Em função de mudanças no âmbito educacional, ou seja, uma nova estruturação dos cursos de formação inicial em Educação Física; (b) cenário político, evidenciado pelo investimento do governo de exceção em projetos esportivos; e, (c) a área de conhecimento paulatinamente assumiu uma nova conformação, notadamente no que tange a seus parâmetros científicos (HALLAL; MELO, 2017). Contudo, Munster e Alves (2018) explicam que no Brasil, a preocupação em qualificar profissionais de Educação Física para intervir junto a pessoas com deficiências teve início na década de 1980, quando começaram a ser ofertados cursos de capacitação nessa área, foi apenas no final dessa mesma década, instaura-se a Resolução CFE 03/87, a qual recomenda a inserção da disciplina de Educação Física Adaptada nos cursos superiores de Educação Física (MUNSTER; ALVES; 2018).

Da mesma forma, podemos mencionar os congressos de História da Educação Física e do Esporte, que ocorrem desde 1993, bem como a participação de pesquisadores da nossa área em eventos da Associação Nacional de Historiadores (Anpuh), o mesmo que ocorre nas iniciativas de outras entidades científicas, como nas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (Anped) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

(Anpocs). Encontramos até mesmo investigadores oriundos da Educação Física que veiculam seus artigos em importantes e reconhecidos periódicos das ciências humanas e sociais (HALLAL; MELO, 2016, p.324).

Estes elementos históricos aqui discutidos evidenciam que com o passar dos anos, o potencial educativo da Educação Física foi sendo reconhecido; inclusive no que diz respeito a sua interface com a educação especial ao encontramos o pensamento médico-higienista nos dois vieses de estudo acadêmico-científico e sobre ele construir um olhar crítico, isso vem acontecendo nas experiências formativas que se ampliam e consolidam, em disciplinas ministradas nos cursos de licenciatura e Bacharelado que tratam da história da educação física no Brasil e no mundo. Esses aspectos históricos não se restringem mais à Educação física ao nível de graduação, mas também estão sendo divulgadas aos alunos da educação básica por meio de seus professores de educação física em parceria com as Universidades privadas e também as Públicas.

Por conseguinte, sobre a interface entre a área da Educação Física com a institucionalização dos primeiros programas de atendimento às pessoas com deficiência no âmbito dos cursos de Educação Física, “[...] bem como o crescimento do interesse dos professores da área pela problemática dos deficientes, principalmente a partir da segunda metade dos anos 1980, quando de fato se inicia um processo de intervenção, pesquisa e estudo sobre Educação Física e deficiência” (SILVA, 2013, p. 146-147).

No entanto, é oportuno enfatizar que esse interesse da Educação Física pela problemática das pessoas com deficiência foram determinados através das práticas sociais de homens e mulheres por meio dos vieses de ordem econômica, política e cultural brasileira e mundial, assim, “[...] a Educação Física iniciou um processo de reflexão e crítica de sua própria prática; e novos atores sociais, como os deficientes, que demandavam práticas renovadas e emancipatórias e que foram à luta em defesa dos seus direitos”(SILVA, 2013, p. 147).

3 Método

Neste estudo será utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa, pois, segundo Flick (2009), os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento. Assim, busca-se um estudo a partir da voz do sujeito e de suas peculiaridades locais e temporais, dentro de um contexto social inerente ao objetivo de uma determinada pesquisa.

Ademais, utilizaremos o estudo de caso conceituado como uma estratégia de investigação qualitativa tendo como “[...] finalidade realizar diagnósticos extremamente detalhados sobre um determinado problema social e também compreender como determinadas realidades se manifestam, bem como identificar os condicionantes que as geram” (MELO JÚNIOR; MORAIS, 2018, p. 26).

Por conseguinte, está pesquisa foi realizada em uma instituição especializada que oferece atendimento pedagógico às pessoas com deficiência no município de Maceió no Estado de Alagoas. Será analisada a prática pedagógica do professor de Educação Física, as adaptações dos conteúdos em suas aulas ministradas para as pessoas com deficiência. A população representativa desse estudo é composta pelo professor de Educação Física da Associação Pestalozzi de Maceió - AL, que oferece atendimento pedagógico aos alunos com deficiência. A participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a autorizando a utilização de sua entrevista para fins acadêmicos, sendo escolhido nome fictício para ela.

Como instrumento para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada e observação com diário de campo. Vale ressaltar que as observações das aulas ministradas pela professora entrevistada, neste caso, foi a observação direta. Tanto as entrevistas como as observações aconteceram em maio de 2017.

Na primeira etapa deste estudo, foi definido o instrumento a ser utilizado e planejado a coleta dos dados para a investigação através de um questionário composto por informações referentes à formação acadêmica e à prática pedagógica do participante, foram dispostas no quadro disponibilizado no Eixo 3.

Já na segunda etapa, foi realizada a observação com diário de campo, assim, as anotações sobre as aulas ministradas pela professora foram catalogadas e referenciadas e ocorreram em três dias de aulas em turmas diferentes.

Além disso, realizamos o procedimento de análise dos dados que ocorreu a partir do cruzamento dos dados obtidos através da interpretação das entrevistas semiestruturadas e das observações. Ainda, foram utilizadas categorias pré-estabelecidas para a interpretação, através da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011).

4 A prática pedagógica de um professor de Educação Física na Associação Pestalozzi em Maceió – AL: Educação Física adaptada, esportes adaptados e formação

A Associação Pestalozzi de Maceió localizada no bairro do Farol possui uma infraestrutura com seis salas de aulas amplas que estão distribuídas no térreo, contando com três banheiros sendo um adaptado. Existe um pátio com bebedouro coletivo, todas as salas possuem um ventilador e iluminação, esta instituição conta com um laboratório de informática com doze computadores conectados à internet, uma sala de videoteca e uma brinquedoteca.

Tal associação oferece atendimento pedagógico a 246 alunos com multideficiências, síndromes, sequelas por paralisia cerebral e deficiência mental. Funciona em dois turnos (manhã e tarde) e conta com cinco turmas pela manhã e cinco turmas pela tarde. No turno da manhã existe uma turma de escolaridade funcional

(turma com comprometimento severo), três turmas de pré-alfabetização e uma turma de alfabetização, no turno da tarde existe uma turma de escolaridade funcional, duas turmas de pré-alfabetização e duas turmas de Alfabetização.

Possui um Coordenador de Educação Física e uma professora de Educação Física, também conta com um instrutor de Capoeira. São realizadas atividades esportivas, recreativas e lúdicas e existe uma parceria com o SESI (Serviço Social da Indústria) com atividade de natação, futebol e voleibol.

As aulas de Educação Física e a Capoeira são realizadas no Pátio. Segundo a professora de educação física da instituição, as aulas ministradas de Educação Física têm como objetivo aprimorar o desenvolvimento motor, cognitivo e social em cada aula, desenvolvendo também as capacidades físicas e as habilidades básicas, bem como o esquema corporal dos alunos, utilizando a cultura corporal do movimento para desenvolver as potencialidades dos mesmos. Para a prática da Educação Física são utilizados alguns materiais didáticos, tais como: (arcos coloridos, bolas comuns para prática esportivas, bolas de tênis de mesa, um kit de basquete infantil e um kit de voleibol infantil, já na Capoeira o instrutor conta com alguns instrumentos como: berimbau, pandeiro, etc.

Por meio da entrevista semiestruturada podemos observar a disponibilidade da professora participante da pesquisa em querer contribuir com esse estudo. Na análise de sua evidenciamos relatos sobre os momentos que antecederam sua contratação na Associação Pestalozzi de Maceió, assim relatou as experiências passadas, e também seu início suas práticas pedagógicas na atual instituição onde trabalha, ressaltou que sua genitora trabalha há alguns anos com deficientes visuais, mas que ela se identifica e está voltada para atender pessoas com deficiência intelectual. É importante salientar o uso do esporte adaptado pela professora de Educação Física na Pestalozzi de Maceió.

É importante salientar que o critério de inclusão para a seleção do participante foi realizar um trabalho como professor de Educação Física em uma instituição especializada de educação especial, neste caso a escolhida foi a Pestalozzi de Maceió. Ademais, nossa meta foi investigar a prática pedagógica deste profissional e quais os benefícios ela trazia para seus estudantes com deficiência. Desta forma, participou do estudo uma pessoa adulta do sexo Feminino de 30 anos de idade, formada em Educação Física por uma instituição particular de Ensino Superior. A participante assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Em nossa entrevista semiestruturada foram realizadas algumas perguntas pertinentes à prática pedagógica, a seguir: quais os motivos que a levou a trabalhar com pessoas com deficiência:

O motivo foi a questão da vocação [...]. Me levou a trabalhar com essa parte da Educação Física Especial, foi a necessidade que eu percebi que tanto para mim

como para meus alunos, que desenvolvesse a Educação Física para a inclusão. Vi muito essa questão da exclusão e foi a questão da vocação, e também inspirada por minha mãe que já trabalha na área (Professora).

Sobre um olhar crítico notamos que sua vocação encontra-se atrelada a sua vontade em tirar as crianças com deficiência da exclusão historicamente construída na sociedade, e também pela inspiração familiar, sua formação inicial e continuada também trazem para essa professora uma perspectiva para realização de sua prática pedagógica, e o porquê realizá-la. Um professor deverá ser antes de tudo um sujeito apoderado de sua história, ciente das questões políticas, econômicas e sociais.

Sobre isso, Santos e Silva (2017) salientam que a formação inicial e continuada do professor, deve considerar o caráter histórico do ser humano, devendo também encontrar-se alicerçada pelas concepções que são imprescindíveis ao encontro de um processo emancipatório de construção da identidade docente, devendo correlacionar o conhecimento teórico e científico ao seu conhecimento técnico, pedagógico e às experiências vividas, a fim de construir e reconstruir os saberes inerente a uma prática pedagógica direcionada a atender os estudantes “[...] em todas as dimensões de sua profissão docente, de forma que a sua atuação não se restrinja a legitimar políticas oficiais que invadem a escola e, especificamente, a sala de aula, sem um comprometimento efetivo com a prática pedagógica” (SANTOS; SILVA, 2017, p. 912).

Desta maneira, Oliveira (2013) explica que a prática pedagógica relevante no tempos em que vivemos e espaços escolares deverá considerar a experiência dos alunos que inerentemente as crianças, adolescentes e adultos em construção compartilhada e manifestada em forma de diálogos em sua consciência social.

Ainda, dentro da questão planejamento para sua prática pedagógica, a entrevistada respondeu quando perguntada sobre as estratégias de superação quando o que foi planejado para sua aula, não consegue atender a todos os alunos:

É sempre dentro do conteúdo estabelecido, uso o esporte adaptado para formular e organizar o tema, o que seria da forma mais simples ao mais complexo ou mais avançado, mas sempre com o mesmo objetivo (professora).

Entende-se como Educação Física Adaptada¹, como um segmento da Educação Física, que utiliza-se dos conteúdos da cultura corporal, contudo como seu próprio nome realiza de acordo com as necessidades dos alunos com ou sem deficiências adaptações, para que todos os alunos sejam incluídos que devem e podem ser desenvolvidos em jogos (lúdicos, competitivos e cooperativos), danças, lutas, esportes e atividades rítmicas entre outras. Todas elas adequadas aos interesses, capacidades e limitações dos

¹ É importante salientar que o termo ou nomenclatura educação física adaptada é utilizado para se referir a um segmento da educação Física voltado para inclusão de pessoas com deficiência no âmbito da educação escolar, não escolar, esportes profissionais coletivos e/ou individuais.

estudantes com ou sem deficiência. Ainda sobre o esporte adaptado, Silva et al (2013) salientam:

Esporte adaptado é um termo utilizado apenas no Brasil e consiste em uma possibilidade de prática para pessoas com deficiência. Para tanto regras, fundamentos e estrutura são adaptados para permitir a participação destas pessoas. Em outros idiomas, o termo mais comum é Esporte para pessoas com Deficiência ou “Sport for Persons with a Disability”. Já o termo esporte Paralímpico designa as modalidades adaptadas que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos (SILVA et al, 2013, p. 680).

Neste sentido, Educação Física Adaptada é caracterizada segmento da cultura corporal e da motricidade humana para as pessoas suprirem as necessidades educativas e sociais de todos os alunos em contexto escolar, para tal adequam as metodologias de ensino para o atendimento às características das pessoas com deficiência, respeitando suas diferenças e particularidades individuais.

Em relação ao planejamento das aulas de Educação Física na instituição, explica:

O planejamento foi realizado por mim e depois de feito a análise situacional da escola junto com os professores e coordenadores, nós o dividimos. Ele é anual, mas dividido por semestre, dividimos o conteúdo pela maior necessidade dos alunos da escola, sendo este planejamento feito de uma forma interdisciplinar. Procurei na sala o contato dos professores para fazer adaptação com a Educação Física (professora)

Na fala da professora, identificamos que ingressar na instituição realizou uma anamnese com os alunos e reuniu-se com os pais, fez uma análise situacional e com base nos dados obtidos após reunião e anamnese iniciou o processo de construção do seu plano de aula, para assim ministrar suas aulas de educação física adaptada. Duarte e Werner (1995) compreendem a educação física adaptada compreende técnicas, métodos e forma de organização que pode ser aplicada ao indivíduo com deficiência, necessitando de uma atuação consistente do professor, com um planejamento que vise atender as necessidades do educando.

Sobre a maneira que são adaptados os conteúdos de Educação Física para suprir as necessidades dos alunos em sala de aula, salienta:

os conteúdos de Educação Física são os mesmos, mas existe uma relevância para a questão da deficiência deles, o que dar para um aluno de deficiência intelectual e física qual o grau da deficiência deles, adequar à faixa etária, ao nível de cada aluno, incluindo sempre, tentando sempre fazer a equidade do grupo para que todos possam realizar as tarefas e para que todos possam realizá-las dentro do seu ritmo, respeitando sempre a individualidade de cada um. A questão dos limites e das possibilidades (Professora)

Por meio das observações e conseqüentemente das falas da professora identificamos que a mesma realizou atividades direcionadas às habilidades motoras básicas como:

pular, correr, saltar, balançar, andar entre outras, nesses dois meses ela percebeu uma melhora significativa dos alunos. Podemos observar que ao responder à terceira questão a professora transparece uma interação com os profissionais da instituição e uma preocupação em sanar as necessidades educacionais dos alunos ao montar seu planejamento dos conteúdos que serão aplicados em sala de aula.

Sobre sua prática pedagógica em relação a inclusão de alunos com deficiência múltipla e física em sala:

Já existem alunos com deficiência múltipla e que nós damos aulas de Educação Física, mas com uma maior atenção e cuidado com ele, porque necessitam de um maior acompanhamento. Utilizo as mais variadas brincadeiras lúdicas, principalmente aquelas que utilizam jogos, também utilizo os esportes como voleibol e futebol adaptado para eles, neste processo todos participam da aula normalmente (professora)

Evidenciamos aqui que os alunos com deficiências múltiplas conseguem estar inseridos em suas aulas, no entanto, salienta a necessidade de ter um cuidado maior em relação à escolarização deles.

Quando indagada sobre o que precisa melhorar em sua prática pedagógica, responde:

Para melhorar nossa prática pedagógica precisamos sempre avançar em nossos estudos [...] como trabalho em instituição que cuida da educação de crianças e jovens com as mais variadas deficiências, isso requer de mim mais estudo, né? Uma formação completar e sempre me atualizar. Nós professores de educação física não podemos ficar parados temos que buscar estratégias para ensinar coisas novas aos alunos. Não é porque aqui é uma instituição especializada em educação de pessoas que deficiências que não precisamos procurar melhorar, são muitas deficiências (professora)

Nota-se na fala da professora, a busca por uma formação continuada que possibilite uma melhor prática pedagógica e também um apontamento aos outros educadores que lecionam em instituições especializadas por uma procura pessoal de estratégias educativas para trabalharem os conteúdos da cultura corporal. Entendemos que mesmo a instituição sendo especializada em Educação Especial, existe a necessidade de pensar em uma aula voltada para grande diversidade das deficiências. Dentro das deficiências podemos citar: intelectual, física, visual, auditiva, múltipla e surdocegueira. Ademais, compreende-se a importância das práticas pedagógicas onde o papel do professor deverá encontrar-se estrategicamente contextualizado com deficiência e particularidades de seus estudantes.

Nos registros das observações das aulas ministradas, percebe-se que em alguns momentos da ministração da aula, os alunos com comprometimento mais acentuado em relação a sua deficiência intelectual demandavam mais atenção. Além disso, a professora,

que por sua vez demonstrava algumas dificuldades em prender a concentração deles e em conseguir que os mesmos realizem as atividades propostas, ao perceber que eles não conseguiam se inserir junto aos outros por algumas vezes ela tentava outras estratégias até ter êxito em alcançar os objetivos da aula planejada. Nota-se então, a necessidade do professor de educação física ter uma formação inicial e continuada que traga em seu bojo a educação física adaptada ou o esporte adaptado para que esses possam trabalhar com excelência em favor de seus alunos com deficiência.

Assim, o professor de Educação Física precisa cada vez mais capacitar-se para não cometer enganos e não serem meros reprodutores de aulas tradicionais e pragmáticas, vale ressaltar que o professor deverá ter conhecimento básico sobre o seu aluno, por exemplo: tipo de deficiência, a idade que surgiu a deficiência, se é transitória ou permanente bem como se faz necessário que o educador conheça os diferentes aspectos do desenvolvimento humano.

Esse profissional deve estar preparado para conduzir, influenciar e decidir sobre a conduta do outro, dentro da ética de sua atuação profissional deve construir valores consistentes no educando com intuito de que cada um rompa com o preconceito enraizado dentro de si. Ainda, Vasconcellos, (2002), a ética dos professores de Educação Física encontra-se na habilidade de observar na prática um conjunto de valores, a seguir: responsabilidade, justiça, verdade, cooperação, solidariedade entre outros.

Por conseguinte, na continuação da análise das respostas dadas pela professora na entrevista semiestruturada e os registro das observações com diário de campo das aulas ministradas pela mesma, percebemos que ela tenta com inúmeras estratégias como por exemplo uso do voleibol e futebol para incluir os alunos em cada atividade planejada, levando em consideração a dificuldade dos alunos com comprometimento mais acentuado. Observamos também a dificuldade que demonstra em outras turmas e em alguns momentos perde o domínio e controle dos alunos mas persiste em buscar outras formas para que eles consigam realizar as atividades propostas.

5 Conclusões

Após observarmos a prática pedagógica da professora de educação física dessa escola especial, foi possível perceber que a educação especial teve grande expansão nas três esferas do desenvolvimento (cognitivo, motor e social), necessitando ainda de avanços, romper barreiras e preconceitos, para que as pessoas com deficiência possam estar inseridas em qualquer ambiente.

Vale ressaltar que apesar das altas críticas que a escola especial vem sofrendo no decorrer de toda a sua história, ainda é ela que vem dando suporte ao aluno com necessidades educacionais especiais, uma vez que a escola regular não tem o interesse

em permitir que pessoas com deficiência possam estar inseridas no mesmo ambiente com os demais alunos.

Dessa forma concluímos que a prática pedagógica da professora de educação física dessa escola especial está desvinculada desse estereótipo de segregação que tanto as críticas destacam e sim para uma prática onde o professor tenta de forma estratégica inserir os alunos no contexto de suas aulas.

Referências

- AMERICAN ASSOCIATION ON MENTAL RETARDATION-AAMR. *Workbook Mental Retardation: Definition, Classification and Systems of Supports*, Washington, 1992. 54 p.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1988.
- BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial*. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação e Desporto. Brasília, DF, 1994.
- BRASIL. *Decreto nº 7.611*, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011.
- BRASIL. *Lei nº 13.146*, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Brasília, DF, 2015a.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 jun. 2015b.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: edições 70, 2011.
- BAGNARA, I. C.; FENSTERSEIFER, P. E. Relação entre formação Inicial e ação docente: o desafio político da educação Física escolar no centro do debate. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.41, n.3. p. 277-283 jun/jul. 2018.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 19. ed. Campinas - SP: Papyrus, 2011. (Coleção “Corpo e Motricidade”).
- CIDADE, R. E. A; FREITAS, P. S. *Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiências*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- DUART, E; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: Costa, V. L. de M. (org.). *Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância*. Rio de Janeiro: Corde, 1994, p. 23-34.
- FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HALLAL, P. C.; MELO, V. A. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da Educação Física no Brasil. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v.39, n.3. p. 323-327 jun/jul. 2017.
- LARA, F. M.; PINTO, C. B. G. C. A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente. *Revista Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 15, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2017.
- MAZZOTTA, M. J. S. *Trabalho docente e formação professores de educação especial*. São Paulo: EPU, 1993.

- MELO JÚNIOR, A. L.; MORAIS, R. Estudo de caso como estratégia de investigação qualitativa em educação. *Ensaios Pedagógicos*, v.2, n.1, p. 26-33, jan./abr. 2018.
- MENDES, E. G. A. radicalização do debate sobre a inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 11, n. 33 p. 387-405, 2006.
- MUNSTER, M. A. V; ALVES, M. L. T. Educação Física e inclusão de estudantes com deficiências no Brasil: contrapontos entre legislação e produção científica. *Revista da Sobama*, Marília, v.19, n.2, p.171-184, Jul/Dez., 2018.
- OLIVEIRA, M. A. T. Práticas pedagógicas da educação física nos tempos e espaços escolares. In: BRACHT, V. CRISORIO, R. (org.). *A educação física no Brasil e na Argentina: identidades, desafios e perspectivas*. Campinas- SP: Autores associados, 2003, p.155-177.
- RODRIGUES, O. M. P. R.; MARANHE, E. A. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente. In: CAPELLINI, V. L. F. (org.). *Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental*. Bauru : MEC/FC/SEE, 2008, p. 1-35.
- SANTOS, I. R.; SILVA, R. H. R. Crítica às políticas de (com) formação docente em Educação Especial/ inclusiva no Brasil. *Revista HISTEDBR on-line*, Campinas, v.17, n.3, p.906-924, jul./set. 2017
- SILVA, A. A. C. *et al.* Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Rev Bras Educ Fis Esporte*, v. 27, n. 4, p.679-687, Out-Dez, 2013.
- SILVA, R. H. R. *Tendências teórico-filosóficas das teses em educação especial desenvolvidas nos cursos de doutorado em educação e educação física do Estado de São Paulo (1985-2009)*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas -SP. 2013.
- SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- SOLER, R. *Educação física escolar*. Rio de Janeiro, Sprint, 2003.
- VASCONCELLOS, M. M. M. *Avaliação e ética*. Londrina: Ed. UEL, 2002.

Notas sobre os autores

Arlindo Lins de Melo Júnior

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, campus, Sorocaba.

arlindolins@yahoo.com.br

Guilherme Vasconcelos Pereira

Mestre em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas pelo Centro Universitário Tiradentes, UNIT, campus de

Maceió. guilhermevasconcelos79@hotmail.com

James Dean Bastos

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos; UFSCar, campus São Carlos.

jamesdeanbastos@gmail.com

Recebido em: 26/10/2019

Reformulado em: 02/12/2019

Aceito em: 02/12/2019